

REFLEXÃO SOBRE A METAMORFOSE DE FRANZ KAFKA

A REFLECTION ON FRANZ KAFKA'S THE METAMORPHOSIS

ALESSANDRO MACEDO¹

RESUMO: O presente ensaio visa realizar uma reflexão introdutória e sintética sobre a obra A metamorfose, de Franz Kafka. A metodologia adotada neste breve ensaio integrou alguns elementos da semiótica e da análise do discurso, tendo como objeto de estudo o texto da Metamorfose. O método de análise adotado neste ensaio foi a análise do discurso sob a perspectiva da dialética materialista. Este método implica a rejeição das noções polissêmicas da neutralidade discursiva, segundo as quais um único discurso pode assumir significados distintos, dependendo da perspectiva do destinatário, como defendem os semióticos clássicos. Após uma análise minuciosa dos elementos discursivos presentes no plano figurativo da obra Metamorfose, foi possível concluir que a mesma constitui uma crítica aos padrões de vida normativos da sociedade capitalista do século XIX. Considerando que o caráter figurativo da narrativa sugere uma desumanização e alienação do ser humano, imerso na dinâmica da vida mercantilizada.

Palavras chaves: Alienação, Discurso, Trabalho, Família, Sociedade.

ABSTRACT: This essay aims to provide an introductory and synthetic reflection on Franz Kafka's work, The Metamorphosis. The methodology adopted in this brief essay integrated some elements of semiotics and discourse analysis, with the text of The Metamorphosis as the object of study. The analytical method adopted in this essay was discourse analysis from the perspective of materialist dialectics. This method implies the rejection of the polysemous notions of discursive neutrality, according to which a single discourse can assume different meanings depending on the perspective of the recipient, as defended by classical semioticians. After a meticulous analysis of the discursive elements present in the figurative plane of The Metamorphosis, it was possible to conclude that it constitutes a critique of the normative life patterns of 19th-century capitalist society. Considering that the figurative character of the narrative suggests a dehumanization and alienation of the human being, immersed in the dynamics of commodified life.

Keywords: Alienation, Discourse, Work, Family, Society.

INTRODUÇÃO

O presente ensaio visa apresentar alguns elementos que poderão constituir um esboço de uma análise do discurso sob o signo da teoria semiótica do texto. A linguagem é um dos fenômenos sociais mais complexos, uma vez que está presente em todas as interações humanas. Deste modo, a linguagem, tal como os demais fenômenos sociais, manifesta-se através de diversas formas, sendo o texto uma dessas manifestações. A linguagem apresenta uma extensa área teórica e conceitual. A semiótica constitui um

¹ Mestre em Sociologia (Universidade Federal de Goiás-UFG, Doutorando em Ciências Sociais, Universidade de Brasília-UnB).
Email: macedosocio@gmail.com

domínio dessa área, inserindo-se no conjunto de teorias que procuram compreender as múltiplas dimensões significativas do texto, ou seja, a sua polissemia.

A literatura constitui um domínio substancial da linguagem textual. A literatura de Kafka emerge de um contexto social de limitação das potencialidades humanas, expondo quadros degradantes de alienação produzidos pela sociedade moderna. A metamorfose, aparentemente, apresenta-se como uma narrativa tranquila e simples, na medida em que expressa os percalços quotidianos de qualquer família moderna do século XIX, inserida nos ambientes urbanos de uma Europa industrializada, circunscrita aos valores da vida mercantilizada.

Entretanto, Kafka não é considerado um autor de fácil compreensão. O grau de complexidade que sua obra engendra é consenso entre grandes nomes das ciências humanas, tal como, Theodor Adorno, Walter Benjamim, Jean-Paul Sartre, etc. A metamorfose é uma boa prova dessa falsa modéstia, na medida em que o quadro do percurso gerativo vai sendo pintado, novas camadas discursivas vão surgindo, ao passo em que o destinatário desse enredo se senti angustiado, preso na pele de um inseto repulsivo (barata), toda aparente simplicidade se dissolve diante da lucidez exigida, novos quadros significativos vão surgindo, aclarando a triste realidade de seres humanos alienados, desprovidos de qualquer julgamento humanamente decente, pois os mesmos se encontram imersos em valores mesquinhos e triviais, que regem a vida na sociedade moderna, tal como: competição, mercantilização, individualismo, status, etc.

A metamorfose, já foi objeto de inúmeras análises, sob os diferentes enfoques teóricos, Literatura, Psicologia, Psicanálise, Sociologia, etc., e narra a história de Gregor, jovem caixeiro viajante, que é o único provedor de sua família. Um belo dia, esse jovem sofre uma metamorfose e amanhece no seu quarto no corpo de uma barata. Impossibilitado de executar suas obrigações sociais, tal como ir trabalhar, até as coisas mais simples, como abrir uma porta, vê toda sua reputação social e familiar se desmoronar, uma vez que já não é mais útil como membro da família nem como caixeiro viajante. Em outras palavras, já não é mais capaz de executar os papeis que a sociedade o destinará.

Portanto, não se trata de uma análise completa e profunda do texto de *A metamorfose*. Nosso objetivo aqui, é tão somente, focalizar o fenômeno da alienação humana produzida com a advento da sociedade capitalista, expressa no modo de vida fútil e mercantilizada, que se faz presente no enunciado kafkiano.

A TRANSFORMAÇÃO

A novela se passa no espaço-tempo da casa da família Samsa. Em um primeiro vislumbre, podemos enquadrar os eventos desse primeiro momento sob dois focos analíticos. Primeiro, Gregor ao sofrer a metamorfose e amanhecer enclausurado no corpo de um inseto asqueroso, a princípio não deu muita importância, pois parece não ter se dado conta ainda que, não é mais humano, ou mesmo não querer acreditar no que acabara de constatar. O fato dele ter se tornado um inseto parece não o atormentar, desde que ele pudesse dormir mais um pouco, “que tal se eu continuasse dormindo mais um pouco e esquecesse todas essas tolices? (Kafka, 2003, p. 14).

O que esse fragmento do pensamento de Gregor nos revela? Parece que, o que mais o atormenta, é o fato que ter que levantar, e não poder dormir mais um pouquinho do lado do que ele se habituou a deitar, isto é, do lado direito. Pois seu novo corpo não permite mais dormir nessa posição. Diante da constatação que era impossível voltar a dormir e esquecer tudo, Gregor faz a seguinte reflexão:

- Ah, meu Deus! – pensou. – Que profissão cansativa eu escolhi. Entra dia, e sai dia – viajando. A excitação comercial é muito maior que na própria sede da firma e além disso me é imposta essa cansa de viajar, a preocupação com troca de trens, as refeições irregulares e ruins, um convívio humano que muda sempre, jamais perdura, nunca se torna caloroso. O diabo carregue tudo isso! (KAFKA, 2003, p. 14).

Aqui, fica evidente, que para Gregor, o fato dele estar na pele de um inseto inútil, não o assusta tanto, porque na verdade o tipo de vida que ele leva, também é fútil e sem sentido, ou seja, ela já se via como um inseto. A racionalidade da sociedade moderna, isto é, o modo de vida fútil, proporcionada pela sociabilidade capitalista, orientado para a produção de valor econômico, reduz os indivíduos a coisas, fantasmagorias, insetos. No plano mais consciente o jovem Samsa não via nenhuma realização pessoal naquele tipo de vida, pois o trabalho no capitalismo foi despojado da sua capacidade de autorrealização humana, ao contrário, se tornou uma atividade alienada e degradante, onde as pessoas são apenas apêndices de uma estrutura impessoal. Por isso ele almeja com todas forças, que “o diabo carregue tudo isso”.

Em um segundo olhar analítico, esse acontecimento, rompe por completo a harmoniosa cadeia de eventos que rege a vida doméstica da família Samsa. Gregor é o sustentador de sua família, entretanto, esse evento promove uma descontinuidade no espaço-tempo que esses indivíduos estão situados. A introdução

de um ser asqueroso no seio de uma família cumpridora dos ritos sociais, põe em perigo a moralidade e status que esses indivíduos ocupam socialmente. Em termos semióticos, o enunciador ao introduzir abruptamente um evento tão radical, questiona até mesmo os limites da condição humana. Em que medida um ser desprovido dos arquétipos sociais será capaz de conviver em sociedade, qual tipo de ajustamento esse ser pode ser enquadrado?

O SUJEITO REALIZADOR

Ao longo da novela, pouco sabemos da vida pregressa de Gregor. Na verdade, parece que sua própria existência é pouco sentida, somente a partir da metamorfose, que sua pessoa entra em evidência. Mas o que o texto nos permite saber e que desde muito jovem, assumiu o posto de provedor da sua família. Pois, assim que terminou o ginásio, fez um curso onde aprendeu técnicas comerciais, e posteriormente, conseguiu uma vaga como caixeiro, e depois, caixeiro-viajante. Ocupação que consumia todo seu tempo, pois fazia longas viagens na execução do ofício. O que podemos deduzir dessa história é que desde muito cedo, o jovem Gregor estava envolto em responsabilidades econômicas, uma vez que o pai não obteve êxito em seus negócios, indo à falência, coube ao jovem ser o provedor, em termos semióticos, ser o sujeito realizador dos objetos que correspondem a vida em família, sob os padrões da vida mercantilizada, conforto, status, posses, etc.

Entretanto, embora desempenhasse bem o ofício de caixeiro viajante, Gregor já nutria pensamentos de romper com essa condição, que parecia lhe consumir todo seu tempo. Mas um condicionamento externo o obrigava a reproduzir essas relações de trabalho degradantes e alienadas, pois o ele não via o dia de romper com tudo aquilo, como aparece nessa reflexão que fizera na manhã da transformação, quando se descobriu inseto:

(...) se não me contivesse, por causa dos meus pais, teria pedido demissão a muito tempo; teria me postado diante do chefe e dito o que penso do fundo do meu coração. Ele iria cair da sua banca! Também, é estranho o modo toma assento nela e fala de cima para baixo com o funcionário – que além do mais precisa se aproximar bastante por causa da surdez do chefe. Bem! Ainda não renunciei por completo à esperança: assim que juntar o dinheiro para lhe pagar a dívida dos meus pais – deve demorar ainda uns cinco anos – vou fazer isso sem falta. Chegará então a vez da grande ruptura. (Kafka, 2003, p. 15).

Na condição de sujeito provedor de sua família, Gregor é o executor de todas as prerrogativas axiológicas da sociedade. É aquele que cumpre com todos os deveres que se espera de jovem caixeiro e responsável, seu objeto de desejo é ver família feliz, mesmo que isso lhe custe a liberdade. Entretanto, tais

valores são provenientes de um destinador, que de uma certa forma, é abstrato, pois os valores sociais, as regras, as normas, não se sobrepõem de forma objetiva e clara. Estão dissolvidos na sociabilidade, os indivíduos são constrangidos diariamente a sua internalização e reprodução. E como aquilo que Durkheim (1988), chamou de fato coercitivo. A não aceitação da coerção, produz o estado de anomia social, um tipo de desajustamento, prejudicial para vida em sociedade, assim como para suas instituições.

Não obstante, ao se tornar o destinatário dos padrões e valores familiares, a sua vida passa ser orientada no sentido de realizar tais prerrogativas. Não deseja que seus entes queridos sofram a infelicidade de ter que encarar sua verdadeira situação social. Nesse sentido, o conjunto de normas e valores que rege sua relação com o mundo do trabalho, também adentra sua vida em família, de forma que sua existência, passa ser a felicidade dos seus. Só que nesse interim de ser o realizador do conjunto de prerrogativas econômicas e moral, que faz com sua família esteja em dia com os códigos sociais, sua própria condição de ser humano genérico, portador de desejos e necessidades de realização foram suprimidas. Uma passagem do enunciador kafkiano demonstra essa abjeção:

A preocupação de Gregor na época tinha sido apenas fazer tudo para família esquecer o mais rápido possível a desgraça comercial, que havia levado todos a um estado de completa desesperança. E assim começava a trabalhar com um fogo muito especial e, quase da noite para o dia passara de pequeno caixeiro a caixeiro – viajante, que naturalmente tinha possibilidades bem diversas de ganhar dinheiro e cujos êxitos no trabalho se transformaram imediatamente, na forma de provisões, em dinheiro sonante que podia ser posto na mesa diante da família espantada e feliz. Tinham sido bons tempos e nunca se repetiram, pelo menos nunca com esse brilho, embora Gregor mais tarde ganhasse tanto dinheiro que era capaz de assumir – e de fato assumiu – as despesas de toda família. Tanto Gregor como a família acostumaram-se a isso: aceitava se com gratidão o dinheiro que ele entregava com prazer, mas disso não resultou nenhum calor especial. (Kafka, 2003, p. 45).

Como destinatário dessa dinâmica socioeconômica, Gregor fez da submissão do seu ser uma extensão do próprio corpo burocrático e normativo das relações sociais mercantilizadas, onde as pessoas são apenas apêndices, meios para se obter vantagens, dinheiro. A submissão incondicional a tais exigências, tem na família o reflexo da própria firma onde trabalha, isto é, as mesmas relações frias e impessoais que rege um contrato de trabalho. No final da citação acima isso fica bem nítido, “aceitava se com gratidão o dinheiro que ele entregava com prazer, mas disso não resultou nenhum calor especial”. (Kafka, 2003, p. 45).

A ALIENAÇÃO

Existem tantas definições do termo alienação, que é preciso um breve esclarecimento. Aqui alienação deve ser entendida como um conjunto de relações sociais, que podem ser relações produtivas, afetivas, que determinados indivíduos são constrangidos a contraírem e reproduzirem, sem em contrapartida, exercer nenhum controle sobre a finalidade de tais relações, que em outras palavras, podem ser chamados de autômatos. Pois essas atividades, é algo alheio, estranho, a sua própria autonomia de escolha, pois não é o indivíduo quem decide, já foi decidido, a ele cabe apenas a adesão incondicional.

Em *A metamorfose*, o enunciador kafkiano nos apresenta a degradação humana circunscrita na racionalidade da sociedade moderna, isto é, da vida mercantilizada. Também nos chamam atenção o quanto a rotina, ou mesmos os ritos sociais, são peças importantes na manutenção dessa estrutura social, que tem na eficiência, na rapidez, na adoção de padrões sem maiores questionamentos, a razão de existir das pessoas. De maneira que, a vida de Gregor se resume em cumprir um conjunto de determinações inerentes a profissão de vendedor de tecidos, que juntas constitui seu universo existencial. Assim, na manhã que sucede a metamorfose, quando Gregor, impossibilitado devido seu novo corpo, não conseguiu ir trabalhar, o gerente da firma vai até sua casa averiguar o que se passa, pois não é da índole de Gregor faltar ao serviço, pois durante cinco anos de firma, nunca faltara os seus deveres e obrigações para com o trabalho e família. Um diálogo entre Gregor e o gerente, nos permite entrever como Gregor está submetido a dinâmica da empresa, e como o gerente vê Gregor, apenas como uma peça da empresa, ou seja, um apêndice da empresa, cuja função é produzir valores econômicos.

(...) Bem, senhor gerente, o senhor está vendo que não sou teimoso e que gosto de trabalhar; viajar é fatigante, mas não poderia viver sem viajar. Para onde o senhor vai, senhor gerente? Para firma? Sim? O senhor vai relatar tudo fielmente? Pode-se no momento estar incapacitado para trabalhar, mas essa é a hora certa para se lembrar das realizações passadas e para se pensar que mais tarde, uma vez superado os obstáculos, sem dúvida se vai trabalhar com mais afinco e forças mais concentradas (Kafka, 2003, p. 31).

É assustador a imparcialidade do gerente da firma frente o quadro de moléstia em que seu funcionário se encontra, sendo assim, impossibilitado de cumprir com suas obrigações laborais. Mesmo encerrado no corpo de um inseto, ter perdido seus movimentos, sua coordenação motora, ser incapaz de executar as coisas mais triviais, Gregor não perdeu sua capacidade de pensamento e reflexão. Assim, falando através da porta, pois o mesmo se encontra trancado no seu quarto, ele busca persuadir o gerente a tomar partido a seu favor:

O senhor sabe muito bem que o caixeiro – viajante, que fica quase o ano inteiro fora da firma, pode assim se tornar facilmente vítimas de mexericos causalidades e queixas infundadas, contra as quais

é completamente impossível se defender, uma vez que na maioria das vezes ele não fica sabendo delas e só o faz quando, exausto, termina uma viagem e já em casa sente na própria carne as consequências nefastas cujas origens não podem ser mais descobertas. Senhor gerente, não vá embora sem me dizer uma palavra capaz de mostrar que o senhor me dá pelo menos uma pequena parcela de razão! (Kafka, 2003, p. 31).

Mesmo na condição em que se encontrava, Gregor tinha consciência do que significava perder o emprego. Além das intempéries de ordem material, existia muitas implicações morais negativas que acompanhava um evento dessa magnitude, tendo em vista que, se tratava de uma família que sempre esteve em ordem com seus preceitos morais. Por isso Gregor ignora sua condição morfológica, e insistiu em arrancar do gerente um voto de confiança, era preciso persuadi-lo, seus pais assim como sua irmã, precisavam ser tranquilizados diante da catástrofe. Eles precisavam saber que se tratava apenas de acidente de percurso, logo as coisas voltariam a sua normalidade, suas vidas seguiriam tranquilas, assim pensava Gregor, “o gerente precisa ser retido, tranquilizado, persuadido e finalmente conquistado; dependia disso o futuro de Gregor e sua família! (Kafka, 2003, p.31). A mãe também intercedeu a seu favor, quis provar para o gerente que o filho sempre foi um bom trabalhador, observador das regras e horários, como ela mesma afirma: “esse moço não tem outra coisa na cabeça senão a firma. Eu quase me irrito por ele nunca sair à noite; agora esteve oito dias na cidade, mas passou todas as noites em casa” (Kafka, p. 23).

Aqui nós temos um sujeito discursivo totalmente reduzido ao mundo do trabalho. É como se ele, Gregor, só existisse através do cumprimento do contrato. A rotina diária, levantar muito cedo, tomar o desjejum, embarcar no trem pontualmente, tudo isso desmoronava na mente dele, era o seu mundo sendo subitamente rasgado, como se sua vida lhe escapasse dentre os dedos, um quadro de desolação irrompera no lar dos Samsa. Nesse ponto, o enunciador kafkiano descortina todas as angustias do ser humano moderno, revelando as bases frágeis onde estão assentadas nossas estruturas psicossociais, ao mesmo tempo, nos mostram o quanto somos medrosos e covardes diante do novo, como tememos ter que aventurar fora dos padrões os quais nos habituamos a conviver e reproduzir.

A LIBERDADE

A imagem figurativa do inseto, a qual Gregor fora reduzido, serve para ilustrar o movimento de descontinuidade, de ruptura do espaço-tempo onde esse ser até então se move. Lembramos que na manhã do acontecimento, ao acordar no corpo de um inseto, a princípio, Gregor não deu muita importância para tal fato. Pois, embebido na rotina automatizada de se preparar para ir trabalhar, não se deu conta de tal

impossibilidade. Prolongando mais tempo na cama e refletindo sobre o dia em que romperia com o contrato. Há nesse pensamento uma vontade de dar cabo a essa rotina que lhe subtrai todo tempo e energia. Percebe-se então uma vontade própria de Gregor, um desejo de viver para si mesmo, fazer coisas que lhe tivesse alguma realização. Já bem a frente, na página 45 o enunciador kafkiano nos revela a preocupação de Gregor com a irmã, pois pretendia mandar ela para o conservatório para estudar, pois diferente dele, ela gostava muito de música e sabia tocar violino.

O que esse plano de Gregor nos revela? Revela que ele já tinha consciência da vida alienada e degradante que levava, que aquilo era destrutivo, humanamente degradante, assim, não queria que a irmã tivesse a mesma sorte. Ao mesmo tempo, revela que a irmã possui gostos elevados, algo que edifica o ser humano, possui capacidade de realização humana, “diferentemente de Gregor, gostava muito de música, sabia tocar violino de forma comovente” (Kafka, 2003, p. 45.). A metamorfose transformara Gregor em inseto, no entanto, essa transformação significa toda negação da vida coisificada. Ser um inseto em sua forma objetiva, significa estar livre de toda imposições e obrigações do contrato social, ao passo em que, expressa a insignificância do indivíduo perante a sociedade mercantilizada, quando este não é mais capaz de realizar seus papéis sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de A metamorfose nos permite situar o discurso em dois planos existenciais, isto é, o objeto e o ser. Numa leitura completa da novela, é possível acompanhar o grau de evolução da metamorfose, como que a transformação do jovem Samsa, acontece em vários planos figurativos, mas sempre no sentido de ir suprimindo sua humanidade. A personificação do objeto-coisa em si, nos conduz novamente ao percurso gerativo dessa situação, como a profissão de caixeiro – viajante foi capaz de despojar Gregor de todas suas virtudes humanas, ao ponto de se sentir tão insignificante, assim como um inseto. No fundo, A metamorfose é um grito de socorro do indivíduo moderno, que constrangido pela imposição insensata do status quo, mergulhou de corpo e alma nas águas geladas do cálculo egoísta, e com isso perdeu aquilo que mais valioso tinha, sua liberdade.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor, W. Anotações Sobre Kafka. In: *Primas: crítica cultural e sociedade*. São Paulo: Ática, 1998.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria Semiótica do Texto*. São Paulo: ática, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BENJAMIM, Walter. Frans Kafka. A propósito do décimo aniversário de sua morte. In: *magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2000.
- GREIMAS, A. J. *Semiótica e Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.
- GREIMAS, A. J. & LANDOWSKI, E. *Análise do Discurso em Ciências Sociais*. São Paulo: Global, 1979.
- Kafka, Franz. *A metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.